

O Salto

O JORNAL DOS TRABALHADORES PORTUGUESES EMIGRADOS

VASCO MC MARTINS

LE JOURNAL DES TRAVAILLEURS PORTUGAIS IMMIGRÉS • B. P. 95 - PARIS 11 • C. C. P. «O SALTO» 56 2685 PARIS • MENSAL - 0,8 DM; 0,8 FL; 10 FB; 1F

A MULHER NA SOCIEDADE ACTUAL

Uma colaboradora do nosso jornal, Maria Manuela, enviou-nos um artigo sobre a mulher, assunto a que por motivos vários, "O Salto" não tem, na verdade, prestado a atenção merecida.

Essa crítica ao jornal e à sua redacção foi feita, aliás por um leitor amigo aquando do debate público que "O Salto" promoveu há já algum tempo, e em que as grandes linhas do nosso trabalho foram debatidas.

Contamos nos próximos números continuar a prestar a máxima atenção a um assunto de tanta importância.

* * *

No primeiro número de "O Salto" explicou-se a necessidade de um jornal feito por nós, trabalhadores portugueses emigrados, que, à diferença daqueles que já existem em língua portuguesa, nos dissesse porque fomos obrigados a abandonar a nossa terra, um jornal, portanto, que denunciasses a todos os níveis da nossa vida a exploração de que somos vítimas.

Desde então, "O Salto" tem procurado cumprir com a sua missão, abordando aspectos diferentes da vida do povo português como a guerra colonial, as revoltas populares no nosso país, as condições de vida no estrangeiro e muitos outros.

Há, no entanto, um aspecto que "O Salto" tem desleixado, que é a situação das mulheres, das mulheres trabalhadoras, nas sociedades capitalistas em que vivemos.

A mulher é duplamente explorada

Este aspecto é importante na medida em que nós, as mulheres, somos duplamente exploradas: como trabalhadoras, da mesma maneira que todo o povo trabalhador, mas também como mulheres.

Como é que isso se passa na realidade?

Nas fábricas, por exemplo, verificamos que geralmente a trabalho igual, as operárias recebem um ordenado que é menor; verificamos também que as tarefas mais embrutecedoras, como são aquelas em que se faz milhares de vezes o mesmo gesto por dia, somos nós as mulheres que as fazemos; que é de nós que exigem as cadências mais rápidas; que muitas vezes, se não responde-

(Continua na pág.6)

FOMOS À TERRA !!

do aluguer de gado e máquinas, o aumento constante do custo de vida, faz com que a vida para o camponês pobre se torne impossível e ele se veja obrigado a emigrar.

De férias ou de volta a casa ?

"Eu antes de vir para França costumava ir fazer a vindima", dis-nos o nosso companheiro de viagem, "tinha vizinhos que até chegavam a vir fazer as vindimas a França, mas as dívidas eram tantas que para as pagar só me restava emigrar".

O camponês pobre emigrado vive no sonho de cá, arranjar o dinheiro suficiente para poder recuperar uma terra perdida, construir uma casa, etc. Muitas vezes a mulher fica a trabalhar sobre a terra e lá se vai mantendo com o dinheiro que lhe manda e o pouco que a terra dá, à espera que "mais uns anos..." passem e o marido volte.

Mas esses anos vão passando e raros são os que conseguem voltar definitivamente. Para que os camponeses pobres possam viver sobre a terra e não morrer de fome é preciso, primeiro, acabar com os grandes proprietários e dividir as suas terras pelos pequenos camponeses da região. Dar a Terra a quem a trabalha.

A maioria dos emigrantes portugueses não estão pois, no estrangeiro de uma forma definitiva, eles vêm para cá como iam para as vindimas, a ceifa no Alentejo ou mesmo a binagem da beterraba ou as vindimas em França. Eles têm a mentalidade do trabalhador temporário.

A casa continua a ser em Portugal e todos os anos grande parte lá vai: "...estar com a família, arranjar um pouquinho de casa, trabalhar a terra, enfim, ver como as coisas andam".

Não se pode, pois, chamar à grande partida de portugueses durante o mês de Férias Pagas, uma partida para férias, mas sim, a volta à casa depois do trabalho.

Férias, no nosso país, têm uma minoria de privilegiados. Segundo as estatísticas, 85% da população não passa férias, considerando férias o abandonar a

(Continua na pág.4)



Foto de Rui Mira

São quantos a voltar no dia 31 de Julho? Dezenas de milhares, certamente centenas de milhares.

O cais da gare d'Austerlitz desde manhã muito cedo que é um mar de gente, malas e garrafas (vazios). Quando o comboio das 8h30 chega, há quem para entrar o tenha que fazer pela janela.

O revisor racista quer passar; arma em duro: "Tirem essas malas do caminho, portugueses!" "Não lhe liguem!", "Que tivessem metido mais comboios!" gritam-lhe.

No corredor onde viajavamos, empilhados que nem sardinhas, seguia uma família de Trás-os-Montes lá para as bandas de Lamego, Pai, Mãe e três filhos. Vinham da fronteira coma Suíça. Como lhe perguntasse onde iam, responderam-me: "Vamos à terra, ela ficou em pousio. Vou arranjar a casa, ver se há geito da minha mulher ficar lá a olhar por aquilo. Compro uns animais e mais uns anos... volto eu."

A maioria dos Emigrantes portugueses em França eram como esta família, camponeses pobres ou jornaleiros, antes de virem para cá. (1)

Os camponeses pobres e os jornaleiros formam a grande massa da população camponesa em Portugal, eles vivem da produção que lhes é dada pela pequena

propriedade, sua ou arrendada, e não exploram o trabalho de ninguém.

A exploração feroz de que são vítimas por parte dos grandes proprietários, que os exploram através das rendas, das dívidas

EU FIQUEI COM OS ARGELINOS

"Não sei porquê, mas nos últimos meses era hábito os nossos colegas argelinos serem atacados e espancados.

Ora uns Sábados atrás, depois do trabalho, dois camaradas argelinos foram ao super-mercado fazer compras. A volta foram agrididos. Ocorrendo em seu socorro um grupo de habitantes destas barracas deu uma valente tarefa aos bandidos.

No dia seguinte, pelas 9 horas, começámos a ouvir tiros de caçadeira e bala."

Estamos em Orsay, nas barracas e quem nos fala é um trabalhador português.

"Portugueses eramos somente 6 ou 7, o resto argelinos, perto de 200. Trabalhamos todos para a Entreprise Valente S.A.E.. Olhe! Somos nós que construímos os prédios ali por trás das bar-

recas.

A maioria dos portugueses fugiu, eu fiquei com os Argelinos.

Estivemos escondidos várias horas debaixo de tiro. Até que a polícia apareceu avisada pelo francês que habita naquela caravana; aquela que tem um remendo preto; aquilo está a tapar um buraco de um tiro.

Até agora (fins de Julho, NDR) os agressores ainda não foram apanhados. São gente de massa, com bons carros e motos - meninos de calças largas."

No número anterior do nosso jornal relatámos um caso de racismo de que tinham sido vítimas trabalhadores portugueses em Villejuif e no Kremlin-Bicetre; desta vez os principais visados foram os trabalhadores argelinos.

Hoje possuímos mais dados so-

(Continua na pág.5)

O SALTO

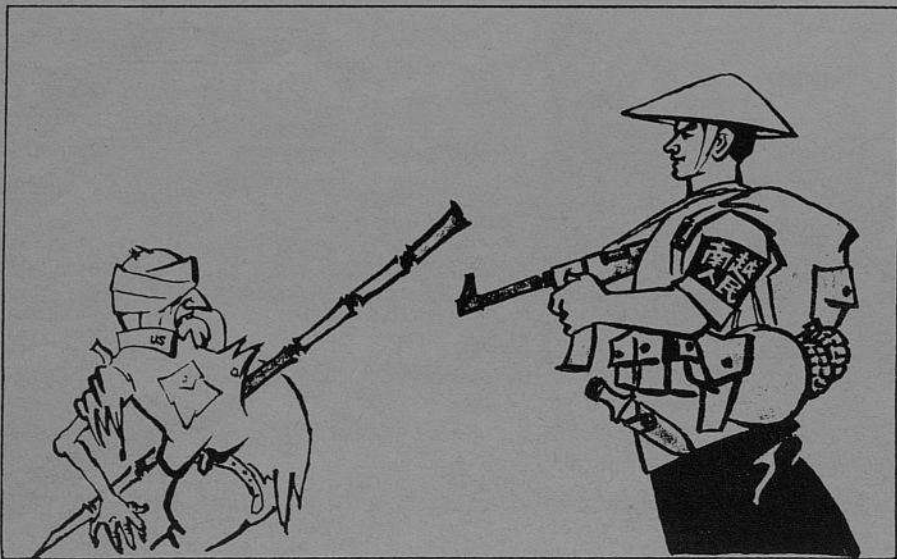
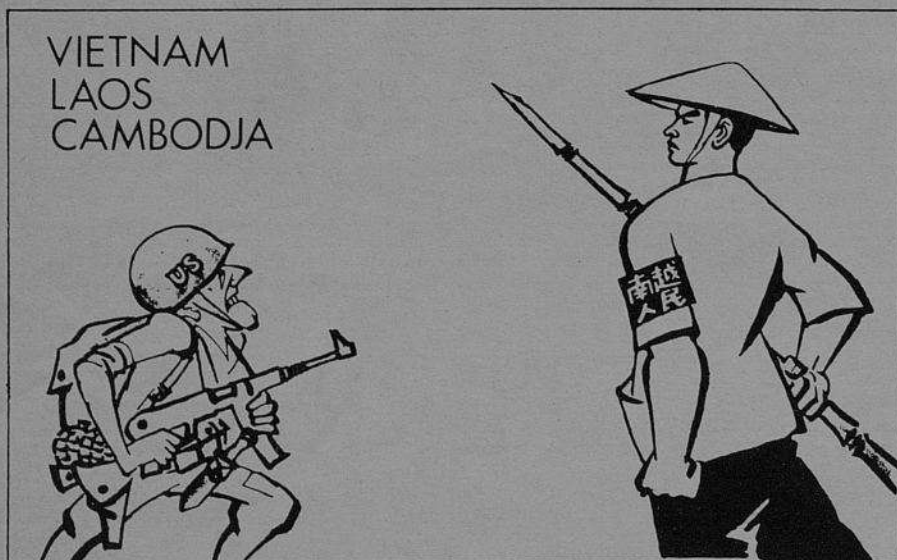
56, Rue de la Fontaine-au-Roi,
Paris 11
Metro République ou Goncourt.

Horas de Abertura

2ª feira	16h. - 22h.30m
4ª feira	20h. - 22h.30m
6ª feira	20h. - 22h.30m
Sábado	16h. - 20h.

SECÇÃO SOCIAL
VENDAS
REDACÇÃO
SECRETARIA

SIHANOUK: « OS camponeses estão connosco »



A LUTA DOS POVOS É INVENCÍVEL

O povo cambodjano sob a direcção esclarecida de Samdech Norodom Sihanouk e do FUNK (Frente Unida Nacional do Camboja) alcança cada vez maiores sucessos na luta contra o imperialismo americano e seus lacaios.

No último número do nosso jornal, noticiámos a próxima realização de uma série de debates dedicados à luta dos povos do mundo contra o imperialismo internacional, principalmente o imperialismo norte-americano.

"O Salto" publicará brevemente o programa de realizações que vai desenvolver com vista a tornar esses debates em verdadeiras sessões de apoio internacionalista dos trabalhadores portugueses emigrados aos povos que neste momento, de armas na mão, cavam a supultura da exploração e da agressão imperialista.

Neste sentido e continuando a fornecer aos nossos leitores os materiais necessários ao bom funcionamento dos debates, "O Salto", socorrendo-se de várias revistas internacionais, vai hoje tratar da luta de libertação no Camboja.

Para isso juntámos várias entrevistas de Samdech Norodom Sihanouk, chefe de Estado e presidente do Governo de União Nacional do Camboja.

Entrevista de Jean Lacouture, jornalista francês a Norodom Sihanouk.

J.L.- Qual a relação de forças actual entre o FUNK e os seus aliados, e o governo de Phnom Phen e os seus?

Sihanouk- Em termos de efectivos? Os outros dispõem de cerca de 200 000 homens, sem contar com os 20 000 vietnamitas de Saigão. O FUNK agrupa cerca de 500 000 combatentes, auxiliados por alguns milhares de vietnamitas. Mas atenção aos números de efectivos vietnamitas no Camboja que por vezes é dado: é preciso distinguir entre os que se batem no Camboja, que são uma minoria, e aqueles que utilizam o Camboja como lugar de passagem, e aos quais nós damos facilidades. Como é possível, perguntará você, que as nossas forças, aparentemente mais fracas, possam enfrentar o adversário, cercá-lo nas cidades que

nós nos recusamos a tomar para não chamar sobre elas as bombas da aviação americana? Porque os camponeses estão conosco.

Quanto às zonas libertadas, toda a gente as conhece. Nós controlamos mais de dois terços do território e implantamo-nos também em zonas que os agressores de Março-Abril de 1970 queriam manter. Se eles aí tivessem posições sólidas, porque despejam tantas toneladas de bombas? Só ajuntarei isto: se nos faltassem combatentes, as tropas de Thieu chegariam para nos fornecerem. Por todo o lado que passam, matando, pilhando e incendiando este "miserável Camboja" por todo o lado os camponeses se levantam para vir engrossar as nossas fileiras...

Os nossos amigos

J.L.- Quem ajuda o FUNK e o exército?

Sihanouk- Os amigos vietnamitas e chineses, evidentemente, e também os norte-coreanos. Mas a maior parte das nossas armas são tomadas ao inimigo. É uma fonte inesgotável... Os Soviéticos também dizem ajudar-nos, com o pretexto que alguns dos nossos guerrilheiros utilizam metralhadoras soviéticas. Mas são os amigos de Hanói que nos as fornecem. É como você dizer que recebe uma ajuda de Tóquio porque tira fotografias com um aparelho japonês!

J.L.- As vossas relações com os Soviéticos estão pois medíocres...

Sihanouk- Más... Estão más. Não só porque Moscovo mantém as suas relações oficiais com o regime de Lon Nol e não quer tratar conosco senão colocando-nos num pé de inferioridade, mas porque toda a análise soviética parte de premissas absurdas. Para eles, Lon Nol, saído do povo, representa o povo (tem-se visto como!). Eu, antigo rei e filho de rei, "feudal", estaria afastado do povo... Eis o género de raciocínio que orienta as suas decisões. E Nixon, não safu ele do povo? E Thieu? Conforme uma frase célebre não é a origem das pessoas que conta mas sim a sua

política. Agora, os Soviéticos começam a ver que montaram o cavalo errado.

Uma solidariedade de combate

J.L.- Num artigo publicado nas vésperas do golpe de Estado de Março de 1970, você previa, no quadro duma vitória das forças de esquerda, um Camboja mais ou menos reduzido ao papel duma Checoslováquia asiática, de independência limitada. O "novo Sihanouk" faz o mesmo prognóstico?

Sihanouk- Não sei o que me teria tornado sem o golpe de Estado de Phnom Pen. Mas o que eu sei, é que, nesta experiência, descobri onde estavam os meus verdadeiros amigos e os meus inimigos. O que eu descobri, foi uma solidariedade de combate que me faz ver de outra maneira os Vietnamitas, os Laocianos, os patriotas Cambodjanos. Devo muito aos aventureiristas de 1970. Paguei cara esta lição, mas sei agora qual é o meu dever e onde está a salvação do meu país.

Esta é uma parte da entrevista que, como dissémos, foi concedida a um jornalista francês. Para os nossos leitores melhor a perceberem, resta dizer que o golpe de Estado de que Sihanouk fala, foi feito no Camboja por generais fascistas, de nomes Lon Nol e Sirik Matak. Sihanouk, que se encontrava no estrangeiro, tinha cometido erros na direcção do Estado, o que, como ele próprio diz, lhe saíu caro. A partir daí, o povo cambodjano tem lutado contra a camarilha fascista, o que levou os imperialistas americanos a intervir militarmente e a massacrar o povo cambodjano.

Passemos agora a outra entrevista concedida à revista África, que se publica em Paris.

A retirada total das tropas americanas

A.- Quais serão as repercussões da visita de Nixon à República Popular da China quanto à guerra imperialista levada a cabo pelos Estados Unidos contra os povos indochineses?

Sihanouk- A China dirá, sem dúvida a Nixon que ela manterá firmemente a sua posição bem conhecida, fixada na conferência de alto nível dos povos indochineses. (ver "O Salto" nº5) A China dirá, sem dúvida a Nixon que o governo americano deverá fixar uma data limite para a retirada total de todas as forças armadas não indochinesas da Indochina, e deixar aos próprios povos indochineses a solução dos seus problemas sem nenhuma injerência estrangeira.



Samdech Norodom Sihanouk

A nova política chinesa em relação aos Estados Unidos dá, na minha opinião, a possibilidade ao presidente Nixon de acabar com a guerra na Indochina.

Os três povos indochineses reserverão sempre o direito de decidir sózinhos dos seus próprios destinos, e neste contexto, levarão até à vitória total a luta contra o imperialismo americano.

A.- Qual será a repercussão deste acontecimento (a visita de Nixon à China) na evolução da relação de forças no mundo?

Sihanouk- Como eu disse há pouco, a República Popular da China continuará totalmente, efectivamente, materialmente solidária com a luta, em particular com a luta armada feita pelos povos do terceiro mundo que são vítimas do imperialismo, do colonialismo ou do neo-colonialismo. Por exemplo, ela apoiará firmemente e ajudará sempre ao máximo os três povos indochineses na sua luta armada que levam a cabo sem qualquer compromisso contra o imperialismo americano. Este deverá evacuar totalmente todas as suas forças armadas da Indochina e respeitar o direito à autodeterminação dos povos Khmer, Laociano e Vietnamita.

A Comissão organizadora das jornadas

"A LUTA DOS POVOS É INVENCÍVEL"

A CRISE DO DÓLAR

O artigo que apresentamos sobre a crise geral do sistema monetário e económico capitalista mundial foi escrito em Maio, altura em que os indícios de que se aproximava uma crise aguda, eram já muito fortes.

A análise que é feita no artigo, assim como as previsões gerais que nele são feitas vieram a ser confirmadas na prática e são absolutamente actuais. É por isso que o apresentamos:

O emigrante que ainda em Abril ouvisse falar que o dollar estava em crise, pensaria que se tratava de simples propaganda anti-dollar. A ideia que se criou na maioria das pessoas acerca da segurança do dollar e da riqueza americana não se podia combater com facilidade sem que os factos falassem por si.

Mas a crise do dollar não apareceu agora de momento como a propaganda capitalista quer fazer ver.

Seria preciso escrever um livro não muito pequeno para mostrar o que se tem passado com o dollar. Neste artigo abordaremos o problema muito sumariamente afim de mostrar que a crise do dollar não é um problema de momento.

Depois da grande crise mundial dos anos 30, a maioria dos países da Europa estabeleceram o sistema de curso livre, isto é, o valor das diferentes moedas não estava fixo a determinada quantidade de ouro, mas variava conforme as condições do mercado. Este sistema revelou-se perigoso, sobretudo porque deixava aberto um largo campo de acção aos especuladores.

Depois de terminada a segunda guerra mundial, a Europa continental fixou o valor das suas moedas a determinado valor do dollar e o valor do dollar ficou fixo a determinado peso de ouro (\$35 por onça de ouro fino).

O dollar e com menos importância a libra inglesa ficaram a funcionar como moedas de pagamento internacional (valuta internacional). Toda a Europa capitalista confiava então cegamente na estabilidade do dollar...

Por outro lado, era então bastante fácil para a América meter a Europa debaixo da sua pata, devido à debilidade económica que se encontrava a Europa.

As variações do dollar abaixo e acima do valor estabelecido, não poderia ultrapassar 1%.

Entre 1954 (depois da Guerra da Coreia) e 1960 (Guerra do Vietname) o dollar conseguiu-se

(Continua na pag. 6)

500 TRABALHADORES DORMEM AO RELENTO NOS ARREDORES DE LISBOA

A habitação é um problema que diz respeito a todos nós e com o qual todos os dias nos sentimos confrontados. Em França é o que se sabe, na Alemanha, na Holanda, no Luxemburgo a miséria é a mesma. Ou sujeitamo-nos a pagar preços fabulosos por um pequeno quarto ou casa sem nenhuma condições, ou então há a solução da barraca de madeira ou de lata — o bidonville. Em Portugal, os nossos camaradas também são vítimas desta política do governo fascista da burguesia.

Há bem pouco tempo, em Vila Lorena, perto da charneca do Lumiar à entrada de Lisboa, 500 pessoas, operários que trabalham nesta região, foram desalojados das suas habitações por um mandato judicial que mandou demolir as barracas.

Numa sociedade como a portuguesa, sociedade capitalista onde a burguesia é dona e senhora de tudo, o povo trabalhador é obrigado não só a trabalhar pago por salários miseráveis como também é obrigado a viver em pequenas barracas sem condições algumas. Claro que para os ricos, para os patrões, para os grandes comerciantes, para os generais, para os padres e mais senhores bem instalados na vida não há problemas de habitação. Os que vivem à custa da nossa força de trabalho não têm que se preocupar com os mandatos judiciais. Os seus palácios, as suas vivendas, as suas vilas, as suas propriedades privadas estão protegidas pelas leis do estado burguês.

O povo trabalhador que vive em barracas ou em casas a cair, sem retrete, sem água corrente, sujeito ao frio e à chuva, como é caso dos nossos camaradas de Vila Lorena, têm que dormir ao relento pois as autoridades fascistas nem sequer se preocupam em arranjar novas barracas.

Mas o dia não estará longe em que os mandatos judiciais, as ordens de despejo em vez de serem do estado burguês, sejam do estado popular e nessa altura serão os patrões, os grandes comerciantes, os generais, os padres e outros senhores que sairão dos seus palácios de malas aviadas.

José Sobreira

AS MINAS DE TUELA FECHARAM HÁ 3 ANOS

Um leitor amigo de "O Salto" enviou-nos uma carta, na qual nos conta o que se passou, já lá vão 3 anos, nas minas de Tuela.

Estas minas eram propriedade da companhia inglesa Benets e como já não davam o rendimento necessário, os capitalistas ingleses resolveram fechá-las.

Mas demos a palavra ao nosso camarada:

"Meu pai trabalhou lá 15 anos e eu entrei para lá aos 13 anos. O chefe da minha família ganhava nestes últimos anos 40 escudos e eu, com 16 anos, ganhava 18 escudos por dia."

Estas palavras mostram bem a exploração a que estavam sujeitos os operários das minas de Tuela.

Mas no fundo da mina não existe só o salário miserável e as más condições de trabalho, mas também a terrível doença que os mineiros podem contrair — a silicose.

Mas os mineiros de Tuela não foram sómente vítimas dos baixos salários e da doença, mas também de uma brutal vigarice dos patrões ingleses. Vejamos o que nos conta a esse respeito este nosso amigo:

"Nos últimos tempos, ou seja, no último mês, deixaram de pagar. Enganando o pessoal, diziam que não tinham vendido o minério, não nos pagando 45 dias e abonos de família. Aos chefes da mecânica e da eléctrica, a estes grandes, ainda pagaram; aos outros, mineiros, ajudantes de serventes, vagoneiros, etc. a estes não tocou nada. Os trabalhadores fizeram as suas justas reclamações, mas por este motivo veio imediatamente a G.N.R. prendendo muitos trabalhadores. Logo a seguir vieram autoridades de Vinhais, Bragança e Vila Real enganando mais uma vez os trabalhadores, dizendo que o Estado lhes pagaria. Faz agora 3 anos e nenhum deles recebeu nem sequer um centimo. Muitos ficaram com a doença para toda a vida e mais nenhuma companhia lhes deu trabalho".

A burguesia explora a nossa força de trabalho, obrigando-nos a trabalhar à custa de salários miseráveis, fazem-nos contrair doenças, como é o caso da silicose, e quando já não tem mais trabalho a dar, despedem-nos, deixando-nos na mais com-

pleta miséria, e quando protestamos lançam-nos em cima a G.N.R., a P.S.P.; o exército e a PIDE-DGS.

A miséria ou emigrar

Muitos mineiros, depois do fecho das minas, não encontrando mais trabalho, foram obrigados a emigrar; os outros ficaram em Portugal recebendo uns tostões para viver.

A propósito disto diz-nos o nosso amigo o seguinte:

"Aconteceu que um camarada, depois das minas fecharem, veio para França. Quando fez o exame médico, a radiografia acusou silicose, não lhe permitindo pois que aqui ficasse. Chegou a Portugal, foi ao Tribunal de Trabalho de Bragança e contou o que se tinha passado. A resposta do Tribunal: "Se não estava bom, então não fosse para França". E isto não aconteceu só a ele, este é também o caso de muitos outros.



As mais duras condições de trabalho

O meu pai que está bastante doente e já fez várias operações, nada recebe. Dão-lhe 7\$50 para sustentar a mulher e dois filhos".

O relato deste nosso camarada mostra-nos bem a verdadeira face do capitalismo e da burguesia.

O que se passou nas minas de Tuela é habitual nas outras minas do país e em todos os locais onde o povo trabalhador se encontra. Nas fábricas e nos campos, nas cidades e nas aldeias de Portugal a exploração e a repressão flagelam-nos, até ao dia em que os trabalhadores, operários e camponeses, destruirem o capitalismo.

NOTA— Uma outra parte da carta deste leitor vem inserida na página CORREIO DO LEITOR, sob o título "Um jornal sem fim".

F. J.

FÉRIAS TAMBÉM É COMÉRCIO

O nosso desejo de voltar a Portugal durante o mês de Agosto, é de novo aproveitado por aqueles que vivem à nossa custa, para nos transformarem numa mercadoria de quem põem e dispõem.

O caso que a seguir vamos relatar passou-se com uns desses, mais propriamente com a Agência do 20, Rue Pont-Neuf em Paris.

Essa agência anunciava, antes de férias, uma viagem em avião Charter, de ida e volta Paris-Porto, por 430Fr. Muitos foram os portugueses que aí ocorreram. Mas a primeira surpresa que os esperava, foi quando a menina da agência os informou que a partida, inicialmente marcada para o dia 2 de Agosto, ao meio-dia, tinha sido alterada. Assim, foram os nossos camaradas informados que deviam estar às 10 horas da noite na agência para apanharem um autocarro que os levaria a Bruxelas, na Bélgica, onde aí tomariam o avião às 5 horas da manhã.

Após os violentos protestos das 137 pessoas uma parte acompanhados pelos filhos, seguiu-se a viagem para Bruxelas. A chegada a esta cidade não foi às 5 da manhã, mas sim uma hora depois. A empregada da agência tinha informado os nossos camaradas que um dos responsáveis da agência era o Sr. Manuela da Graça. Ora este, depois de ouvir os protestos, dizia que não tinha nada a ver com a organização da viagem, dizendo que era "sério", e que tinha sido ele quem trouxera a Paris o Fernando Farinha e a Amália.

Em Bruxelas ninguém sabia do avião para o Porto. Só às dez e tal da manhã foi anunciada a partida do avião.

Os bilhetes eram pois, não como pensavam os 137 passageiros PARIS-PORTO, mas sim BRUXELAS-PORTO e volta. A isto o Sr. Graça (Continua na pag.5)

HOLANDA

(Continuação da pag.5)

1) Como as injustiças dos capitalistas; 2) Como as associações e clubes dos trabalhadores emigrados — neste caso a Associação "Resistência e Trabalho" da Holanda — estão verdadeiramente ao serviço dos trabalhadores lutando pelos seus interesses, apoiando-os e ajudando-os em todos os confrontos com a burguesia. Adriano Mateus

LUXEMBURGO

(Continuação da pag.5)

e administramos, o Banco e o Consulado não servem os nossos interesses, não precisamos deles para nada.

"O Salto" saúda a valorosa atitude dos jogadores e associados da União Portuguesa Juventude de Esch assim como a sua direcção que não deixaram que o Consulado e o Banco Pinto e Sotto Mayor se apoderassem do que lhes pertence.

O exemplo do Clube "Juventude Portuguesa de Esch" é um grande exemplo de como se deve responder às manobras dos agentes da burguesia que nos explora.

Alberto Serra

RECEITAS E DESPESAS DO ESTADO

Receitas do Estado

As receitas do Estado são somas ou quantias de dinheiro que todo o Estado precisa para se manter, ou seja para cobrir as suas próprias despesas. Num Estado capitalista, as receitas do Estado são suportadas pelas classes trabalhadoras, ou seja, pelas classes que produzem todos os bens e principalmente pelas classes mais exploradas, a saber: o proletariado e os camponeses pobres.

A maneira que um Estado capitalista adopta para colher as receitas, pode revestir várias formas, segundo o sistema que adoptou. Falaremos agora do sistema adoptado pelo governo português, onde as principais rubricas, ou fontes de receitas são as seguintes: Impostos directos, impostos indirectos, indústrias em regime tributário especial, taxas, domínio privado, rendimentos de Capital, reembolsos e reposições, consignações de receitas, etc. Tudo isto são nomes diferentes quanto à forma, mas o conteúdo é sempre o mesmo: explorar o povo trabalhador; viver à custa dos que trabalham; arrancar o suor e o sangue a operários e camponeses pobres.

As receitas do Estado português têm aumentado consideravelmente nestes últimos anos, ou seja a partir de 1961 (data do começo da guerra colonial). Analisemos as quantias de dinheiro que a burguesia nacional tem arrancado ao povo trabalhador português: 1960 — 9.590,4 milhares de contos; 1961 — 10.812,3; 1962 — 11.355,1 milha-

res de contos; 1963 — 12.002 milhares de contos; 1964 — 13.111,8 milhares de contos; 1965 — 15.172,8 milhares de contos. No ano de 1963, o produto nacional bruto foi de 85.370 milhares de contos, e desta soma foi extraída 12.002 milhares de contos para cobrir as despesas do Estado. O governo português dá-se ao luxo assim, de queimar 18,4% da produção nacional, batendo assim o recorde mundial, ou então está logo a seguir a Israel, ou Vietnam do Sul.

Mas agora podemos perguntar, muito naturalmente: onde é que o governo português gasta estas somas que fazem arrepiar os cabelos da opinião pública mundial que conhece um bocadinho o problema? Para isso, passemos a analisar as despesas do Estado.

Despesas do Estado

As despesas do Estado são somas ou quantias de dinheiro que todo o Estado precisa para se manter o poder. Num Estado capitalista, as principais despesas são feitas com a manutenção do aparelho repressivo: policia, tribunais, prisões, exército, armamentos respectivos, etc.

Mas, de uma maneira geral, as despesas militares, é muito raro ultrapassarem de 10% a 20%. Mas o governo português dá-se ao luxo de gastar mais de 50% das receitas do Estado, em despesas militares.

Quanto à tristemente famosa P.I. D.E.-D.G.S., é difícil ter dados concretos sobre esse aparelho abominável, mas temos a certeza que

o estado fascista gasta muito dinheiro com essa bicharada:

1960—11.338 milhares de contos; 1961—13.448 m.d.c.; 1962—14.833 m.d.c.; 1963—15.705 m.d.c.; 1964—17.172 m.d.c.; 1965—18.055 m.d.c. Em 1960, as despesas militares eram 28,7% das despesas gerais do país, o que era já uma das mais elevadas percentagens do mundo. Pois em 1965, as despesas militares eram já, 42,7% das despesas totais do Estado, aproximando-se assim Portugal, do título de campeão mundial neste assunto.

Pois não contentes com este título, já bastante alto, eles já ultrapassaram os 50% em 1971. Quer dizer que em cada 100 contos que o governo português gasta, 50 contos são gastos com despesas militares. Se a esses 50 contos juntamos mais umas dezenas para a policia e G.N.R., tribunais e o material respectivo, então compreenderemos porque há 500 mil portugueses em França, e mais de um milhão de portugueses em busca de pão pelo mundo!...

Em resumo: somos nós afinal que, devido à exploração de que somos vítimas, mantemos a injusta guerra que os racistas e colonialistas levam a cabo contra os nossos irmãos explorados nas colónias. O nosso trabalho nas fábricas e nos campos passa para a mão dos grandes capitalistas; estes usam o produto do nosso esforço contra nós próprios.

Devemos unir-nos cada vez mais, apoiarmos com todas as nossas forças a luta dos nossos irmãos nas colónias.

Carlos Costa

HOLANDA

« Se não quiser trabalhar, vá para Portugal... para o Salazar! »

Estas foram as palavras que um chefe de uma secção da K.L.M., em Amsterdão, dirigiu a um camarada nosso, que se encontrava em serviço nessa empresa.

Este camarada trabalhava desde 1964 na K.L.M. e fazia um trabalho pesado. As más condições de trabalho e a qualidade deste durante 5 anos consecutivos levaram-no a contrair uma doença que em Agosto de 1969, o impede de continuar o trabalho. Mas o estado do doente não era para os representantes dos patrões na secção — os chefes — nada de importante. Se o nosso camarada dizia que estava impossibilitado de trabalhar, o laçoio respondia com a ameaça do Portugal de Salazar ou de Caetano.

No dia 11 de Agosto de 1969, o nosso camarada teve que ir a um hospital para lhe fazerem um exame mais completo. Passados dois dias apresentou-se na empresa para continuar o trabalho mas o chefe do pessoal não se fez esperar: "Não vieste trabalhar ontem, então agora vais para a rua". E para que tudo corresse bem dentro das leis sociais do trabalho, feitas pela burguesia e para a proteger nos conflitos entre patrões e trabalhadores, só era preciso que o nosso camarada assinasse o despedimento. Este convite para assinar o despedimento era acompanhado de coisas bonitas como esta: "Se o sr. assinar, a empresa passa-lhe uma carta de bom comportamento que lhe trará facilidades para arranjar emprego noutro lado".

Devido à injustiça clara de que estava a ser vítima, o nosso camarada recusou-se a dar ovidos ao falso convite e não assinou o despedimento.

O papel da casa portuguesa

A Casa Portuguesa é, como sabem todos os portugueses que trabalham em Amsterdão, uma organização ao serviço da burguesia holandesa e sob o controle do governo português e holandês, que além de fazer bailes tem uma secção social que serve para actuar como travão às reivindicações e colaborar nas injustiças cometidas pela burguesia contra os trabalhadores emigrados portugueses na Holanda. E isto é um facto que pode ser comprovado por toda uma série de vicarices até hoje feitas por esses senhores.

O nosso camarada dirigiu-se à secção social da Casa Portuguesa, mais propriamente ao sr. Cammoti, e contou-lhe o sucedido. Este, como bom amigo dos patrões, não se fez esperar e a primeira coisa que fez foi telefonar à K.L.M. (empresa onde o nosso camarada trabalhava). Depois de ouvir o que de lá lhe diziam, a sua resposta foi simples: "Um caso difícil, não lhe posso fazer nada".

O Arbeidsbureau

O Arbeidsbureau é um organismo do Estado existente na Holanda, cujo papel é estar ao lado dos patrões, colaborar com a burguesia, colocando os operários onde ela mais necessita.

O nosso camarada dirigiu-se à sala nº 27 do Arbeidsbureau, sala bem conhecida no meio da emigração portuguesa pelas famosas cenas que lá se têm passado. O funcionário de serviço, homem bastante calejado nestes casos, ouviu o problema e sem se preocupar com mais nada, só disse: "O melhor é arranjar trabalho noutro lado". O nosso camarada protestou mas não lhe valeu de nada. Aquilo ali não ouvia os protestos, ali era para que ele fosse vender a sua força de trabalho a outro patrão. Deram-lhe uma lista com direcções onde podia procurar trabalho e para o Arbeidsbureau estava o problema resolvido.

Vejam os que nos diz o nosso camarada: "Eu fui aí a 12 ou 13 empresas pedir trabalho. Mostravam-se interessados mas diziam que tinham que ir pedir informações e para lá voltar daí a uns dias. Claro que se iam informar à K.L.M. Quando lá voltava era sempre a mesma respos-

ta: "Agora não temos necessidade dos seus serviços".

Como vêm, a empresa tentou cortar-me as pernas de toda a maneira".

Depois de uns 3 meses de andar de um lado para o outro, o nosso camarada voltou ao Arbeidsbureau e aí, depois de muita insistência da sua parte, enviaram-no à Assistência Social, que lhe deu algum dinheiro e lhe arranjou um advogado. (A lei holandesa prevê que em caso de não haver possibilidades financeiras, a assistência social pode arranjar um advogado).

O advogado, neste caso, a primeira coisa que fez foi pôr dificuldades, dizendo que o nosso camarada não tinha testemunhas. Depois entrou em contacto com o hospital que lhe comunicou não ter dado ordens nenhuma para o nosso camarada retomar o trabalho. Aí, o advogado disse que isto era uma "grande arma".

Nesta altura, ele entra também em contacto com a empresa que lhe diz que o nosso camarada não dava o rendimento preciso, não era bem comportado, que protestava contra as ordens dos chefes.

A propósito disto, o nosso camarada disse-nos: "Em virtude das dificuldades que o advogado me ia pondo, resolvi contactar a Associação "Resistência e Trabalho", não só pelos problemas que a K.L.M. levantava e pela falta de vontade que eu via no advogado, mas também pela dificuldade da língua. Depois de contactar a Associação, comecei a sentir um certo apoio, fiquei com mais confiança, pois sabia que a Associação faria tudo para defender os meus interesses".

Ouvimos também um membro da secção social da Associação "Resistência e Trabalho" que nos declarou: "A primeira vez que fomos com este associado ao advogado, este apresentou-nos os argumentos da K.L.M. e começou a propôr que o nosso camarada aceitasse uma indemnização de 5.000 florins (7.500 Fr.), o que não daria para pagar à Assistência Social. Mas este não era o problema. O problema é que nós estávamos na presença de um caso em que a burguesia (neste caso, os patrões da K.L.M.), tinham infringido as leis que eles próprios tinham ajudado a fazer. Era claro como a água que o advogado não tinha vontade nenhuma de levar o caso a tribunal, pois estava pressionado pela empresa.

A razão do despedimento era que o nosso camarada não tinha comparecido no trabalho no dia 12 de Agosto de 1969.

Aliás, mesmo que o argumento fosse falta de rendimento os senhores da K.L.M. já sabiam antes de o despedir, pois havia sido feito um exame médico que dava o nosso associado com uma certa incapacidade física. Nós fizemos ver tudo isto ao advogado. Aí ele recuou e disse como quem descalça uma bota: "Seria interessante que o sr. tivesse uma testemunha que atestasse em como você não fala nem compreende bem o holandês". É evidente que a manobra da K.L.M. aqui tinha perdido o seu efeito".

O processo contra a K.L.M.

Na sala do tribunal, quem era o tradutor do nosso camarada? O sr. Nunes, empregado da K.L.M. e bem conhecido entre todos os portugueses da Holanda como um dos bons cães de guarda da empresa. Claro que a Associação protestou violentamente contra tal facto, acedendo o tribunal que a tradução fosse controlada.

O processo decorreu normalmente e no fim, a empresa, que neste caso tinha passado por cima da lei que ela própria tinha ajudado a estabelecer, foi condenada a pagar uma quantia de 9.000 florins (13.500 Fr.) referentes a ordenado, prémio de férias, juros, etc.

Esta pequena vitória mostra a verdade, duas coisas importantes: 1) O nosso camarada agiu como todos nós devemos agir: não nos deixarmos intimidar pelas ma-

(Continua na pág. 3)

LUXEMBURGO

Não ao Banco e ao Consulado

Em Esch-Sur-Alzette, no Sul do Luxemburgo, cidade industrial dominada pelas grandes chaminés da Arbed, dona e senhorado condado, trabalham 7 000 portugueses. A emigração portuguesa é com a italiana a grande força motora da indústria dessa zona.

Um grupo de portugueses formou nesta cidade um clube de futebol chamado "Juventude Portuguesa d'Esch". Este clube foi criado independentemente da "protecção" e "apoio" de qualquer entidade oficial portuguesa. Ele formou-se devido à iniciativa de um grupo de trabalhadores que se uniram para praticar desporto e que para o sustentar pagam a sua quotização mensal como todos os demais associados.

O clube dispõe de um campo próprio e há bem pouco tempo foi federado e enquadrado numa competição onde participam mais algumas equipas portuguesas, espanholas, jugoslavas, luxemburguesas e italianas.

Dentro da "Juventude Portuguesa de Esch" reina um clima de camaradagem, bom entendimento e participação de jogadores e associados nos destinos do grupo, o que faz dele um clube bem distinto de todos os outros.

E precisamente por isto, os bancos e o Consulado não se fizeram esperar com as suas promessas enganadoras, tentando deitar mão ao clube. Assim, os ca-

ciques de Esch com o sr. Basílio a comandar e o sr. Castro empregado do Consulado a controlar, foram ter com o presidente do clube para lhe fazerem a seguinte proposta: O Banco Pinto e Sotto Mayor e o Consulado estariam interessados em formar aqui em Esch uma federação dos clubes portugueses e o Banco estaria disposto a pagar tudo.

Uma proposta "tentadora", sem dúvida, aliás como todas as propostas dos Bancos e Consulados para apanhar tudo o que de positivo apareça na emigração.

Mas a direcção do Clube não se deixou ir nas palavras bonitas desses dois representantes da burguesia exploradora e convocou uma reunião para jogadores e associados, com a presença do sr. Castro e do sr. Basílio e explicou aos presentes o significado da proposta, que não era mais do que o Banco apanhar o Clube nas mãos e servir-se dele para continuar a campanha de exploração de parceria com as autoridades portuguesas no Luxemburgo — o Consulado.

A isto, os portugueses de Esch reunidos na pequena sala do clube, elevaram-se numa só voz dizendo não a tal manobra do capital.

O Clube é nosso, dos trabalhadores portugueses aqui emigrados, somos nós que o dirigimos

(Continua na pág. 3)

FOMOS À TERRA !!

(Continuação da pág. 1)

casa durante um certo espaço de tempo. Há, de facto, muitos operários que têm 8 dias de férias anuais, mas passam essa semana a trabalhar em casa.

A salto para ver a mãe

Também há muitos jovens que vão a Portugal durante o mês de Agosto, mas menos que os adul-



Austerlitz Rui Mira

tos. Para eles é muito mais perigoso ir a Portugal, pois são na maioria desertores, refractários ou em idade de ir à tropa. No entanto, correm não importa que risco para ir ver a família, a Terra.

"Eu vou a salto; quando chegar a Vilar Formoso é só saltar. Tenho que ir ver a minha mãe; em 5 anos só a vi uma vez" diz-nos um jovem refractário e continua: "A única vez que lá fui, a guarda fiscal apanhou-me; a minha sorte é que tinha umas mansas e com elas comprei a guarda!"

De volta à França

De volta a França, 6ª feira, dia 28 de Agosto, para muitos o trabalho recomeça na 2ª feira, para outros dia 1. Na estação de St. Apolónia em Lisboa, a multidão enche o cais.

O nosso compartimento já está todo ocupado, 2 casais de algarvios e 2 moços alentejanos. Partimos. O combóio, chamado "rápido" (tivemos de pagar uma taxa de velocidade), pára em todas as estações e enche-se cada vez mais, enquanto no cais vão ficando as mães, mulheres e irmãs. Quando chegámos à Guarda já não se pode passar no corredor.

Os protestos chovem:



St. Apolónia

normes de batatas, produto das terras dos camponeses pobres.

No nosso compartimento conversa-se, tiram-se conclusões

"Sim, os salários aumentaram, mas a vida encareceu tanto que a miséria é ainda maior. Olhe! Dantes, bacalhau era prato de pobre. Hoje, um kilo que há 3 anos custava 22 escudos, custa 40 escudos. Na minha terra, e eu sou de uma família de pescadores, já nem carapau se come; está a 40 escudos o kilo, na lota. Até as sardinhas estão a 10 tostões cada. Não! Assim não se pode voltar".

Como vemos a ilusão de voltar a Portugal, ou porque "os salários aumentaram muito ou porque se enriquece em França", começa a desaparecer.

A pouco e pouco, a grande maioria dos trabalhadores portugueses emigrados compreenderá que a única solução para poderem viver em Portugal, sem serem tratados como bestas de carga, será acabar com os exploradores para, numa primeira fase, conquistar a Paz, o Pão, a Terra, a Liberdade e a Independência.

(1) - Os emigrantes, de origem camponeses pobres ou jornaleiros, representam 45% da emigração total portuguesa da região parisiense.

Manuel Valente

FÉRIAS TAMBÉM E COMÉRCIO

(Continuação da pag. 3)

ça dizia: "Estejam descansados, passem uns dias antes pela agência INTERCONTINENTAL no Porto e lá trocam os bilhetes por outros com regresso para Paris".

E assim aconteceu na verdade. Todos os nossos camaradas se dirigiram à agência no Porto e aí trocaram-lhes os bilhetes. No dia 28 de Agosto, lá estavam todos para apanhar o avião ao meio-dia. Uma hora antes, chegou a informação de que o voo tinha sido cancelado para as 7 horas da tarde. Mais uma vez, os protestos choveram. Os nossos camaradas dirigiram-se ao restaurante do aeroporto e aí obrigaram a que esses senhores, da agência pagassem a refeição. Mas as 7 horas chegaram e o avião nada. Nova informação: o avião só partiria às onze da noite.

Depois de mais uma longa espera, ouviram os autofalantes do aeroporto anunciar: "Passageiros com destino a Paris, voo Charter, façam o favor de embarcar". Mas, momentos antes do avião decolar, entra algém que diz: "Ei malta, olhem que nós vamos outra vez para a Bélgica". Isto foi como uma pedra que se deita num copo de água já cheio. Todos os nossos camaradas começaram numa só voz, a repudiar a burla de que tinham sido vítimas. A hospedeira de bordo telefona para o aeroporto e poucos minutos depois, chega a polícia e a Pide. Mas a presença da polícia não intimidou estes 137 trabalhadores emigrados. Os protestos redobram e a polícia só dizia: "Ou se calam, ou vão todos para a prisão! O avião vai mesmo para Paris". Este é o conhecido processo da polícia, que está ao serviço dos exploradores. E sob a ameaça policial, o avião partiu.

Horas depois, foi aterrar em Bruxelas.

António Silva

Coro «1º de Maio»

(Continuação da pag. 8)

pacidade permite atingir, transmitem a luta de todos os dias por um mundo justo e dias melhores.

No repertório constam, entre outras, as canções: "Jornada" (Não fiques para trás, ó companheiro), "Clamor", "Canto de Esperança" (publicamos junto a letra), "A Varsoviana", "Numa Mão a Espingarda, noutra a Picareta", etc.

Rapariga, rapaz perde a timidez e vem

A qualquer pessoa que habite na Região Parisiense não é difícil participar no Coro, quer cantando, quer tocando um instrumento, ou mesmo, não podendo cantar nem tocar, indicando alguém que possa. A hora e local dos ensaios são marcados em função das possibilidades de todos, o que facilita muito a participação de qualquer pessoa.

No Coro "1º de Maio" podem participar jovens, velhos, rapazes, raparigas, operários camponeses, empregados ou estudantes. Não é preciso ter voz de "artista" para poder cantar no Coro. Os artistas fazem-se cantando. Mesmo que nunca tenhas cantado so ou em grupo, vem e o teu ouvido e a tua voz acabarão por serem educados.

Rapariga e rapaz do Minho, do Douro, do Ribatejo, da Estremadura ou do Algarve, que cantavam enquanto desfolhavas o milho, vindimavas, ou puxavas as redes; trabalhador de Tras-os-Montes, das Beiras ou do Alentejo, que já tens o hábito de cantar em coro:

Vem cantar, vem tocar, vem conviver com outros trabalhadores portugueses, vem colaborar na difusão da música popular e na união dos trabalhadores portugueses emigrados.

Os interessados devem escrever para:

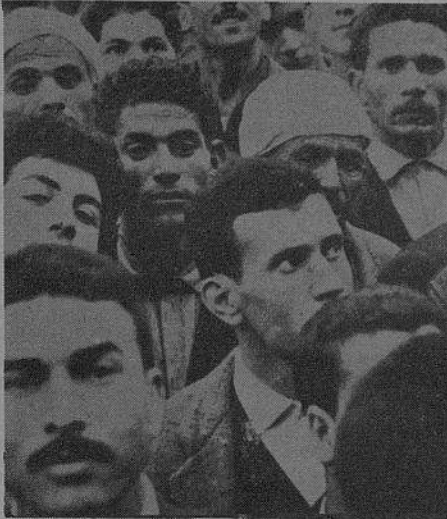
Coro "1º de Maio"
c/ "O Salto"
B.P. 95
PARIS - 11

À PROCURA DO PÃO NOUTRAS TERRAS

No último artigo demos aos nossos leitores alguns dados acerca do rendimento dos camponeses e como na década de 50 foi a sua situação de miséria que deu origem à deslocação de milhares de trabalhadores do campo para as zonas de Lisboa e Porto.

Vamos agora mostrar através de dados da repartição do rendimento pessoal como é a miséria

EU FIQUEI COM OS ARGELINOS



(Continuação da pág. 1)

bre a campanha racista, de que vêm sendo vítimas os trabalhadores emigrados. Vários trabalhadores morreram, a seguir a ataques nitidamente racistas, como foi o caso no dia 12 de Maio em Lyon em que a vítima foi um trabalhador árabe de nome Mohamed.

Mas o que devemos fazer? O medo apodera-se de muitos e há os que já não osam sair à rua sem ser em grupo.

O facto de não compreenderem o que se passa, faz com que haja trabalhadores portugueses que digam: "Isto é culpa dos argelinos" e trabalhadores argelinos que digam: "Isto é culpa dos portugueses", e trabalhadores franceses que digam: "Estes estrangeiros! São eles que nos vêm roubar o trabalho."

E os grupos fascistas e todos os interessados nesta campanha racista, batem na barrigade contentes, pois é isto que eles querem: a divisão de quem trabalha.

É preciso que os trabalhadores portugueses compreendam que os argelinos são trabalhadores como nós, vítimas da mesma exploração e racismo, para podermos dizer como português de Orsay: "Eu fiquei com os argelinos".

Só assim poderemos fazer frente à campanha racista.

José Rocha

em que vivem os trabalhadores portugueses que os obriga a procurar o pão noutras terras.

Em 1962 apenas 2,3% das famílias portuguesas usufruíam rendimentos iguais ou superiores a 60 contos por ano. Destes 2,3% havia 65% com rendimentos entre 60 a 100 contos anuais e, 35% com rendimentos superiores a 200 contos. Em contrapartida 92,8% dos trabalhadores por conta de outrem, não incluindo os funcionários públicos, recebiam uma remuneração anual igual ou inferior a 15 contos e apenas 1,1% um montante superior a 50 contos.

No sector agrícola, cerca de 89,5% das unidades colectadas usufruíam, em média, menos de 12 contos anuais beneficiando no seu conjunto de 32,4% do rendimento da propriedade rural, enquanto 1,9% dos proprietários com rendimento anual médio superior a 59 contos, recebiam 45,8% desse rendimento.

Em 1964 cerca de 56,6% dos trabalhadores da Indústria e Serviços recebiam salários diários inferiores a 40 escudos.

Perante uma tal situação era de esperar que os trabalhadores portugueses procurassem de uma ou de outra forma uma porta de saída.

A primeira fase foi a da deslocação das zonas rurais para as zonas urbanas.

A falta de condições de vida

É entre 1950 e cerca de 1963 que vemos formarem-se à volta de Lisboa e Porto grandes aglomerados populacionais.

Depois da saturação populacional das duas grandes cidades, os trabalhadores que encontram emprego nas duas zonas industriais, começam a concentrar-se nas imediações destas onde as rendas de casas eram um pouco mais baratas que no interior das cidades.

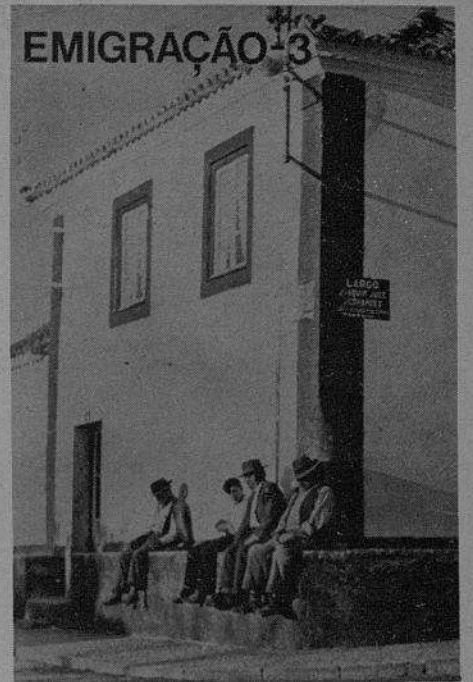
Algumas povoações à volta destas cidades aparecem praticamente na década de 50 com significado geográfico e ultrapassam mesmo algumas cidades distrito.

	1950	1960
Almada	257	30.688
Amadora	368	36.763
Barreiro	137	30.399
Moscavide	250	22.065
Matozinhos	115	33.370
Vila Nova de Gaia	120	45.739

Muitas destas povoações surgem de maneira mais ou menos espontânea, sem que o governo tenha acompanhado o seu crescimento mesmo com as miseráveis condições sociais existentes.

Não havia escolas, nem postos médicos. As condições higiénicas eram péssimas. Muitas destas povoações atingiram milhares de habitantes sem terem águas canalizadas nem escoamentos.

As vias de comunicação entre estas povoações e as duas cida-



des (onde trabalhavam a maioria) eram péssimas. Recordemos aqui os vários acidentes ferroviários entre 1962 a 1966 nas linhas de Sintra e Cascais.

Em 1960 os distritos de Lisboa e Porto empregavam já um total de 1.033.226 de pessoas das quais 406.061 nas actividades industriais.

Nestas condições os dois grandes aglomerados populacionais portugueses, não podiam suportar as centenas de milhares de trabalhadores que dum momento para o outro ali acorreram.

Já próximo dos anos 60 a situação em que se tinha que viver era desastrosa.

A informação ajuda a emigração

Um dos travões à emigração é, muitas das vezes, a falta de informação. Os trabalhadores, sobretudo os trabalhadores rurais, não tendo conhecimento do que vai pelo estrangeiro, não se arriscam com facilidade a abandonar as suas terras para procurarem melhores condições de vida.

No caso Português, este facto é ainda reforçado pela falta de órgãos de informação no campo, imprensa, rádio, televisão, etc. e pela alta taxa de analfabetismo.

A deslocação de trabalhadores para as zonas urbanas, vem ajudar a solucionar este problema. Nas grandes cidades há sempre mais possibilidades de informação. Além dos órgãos de informação que ali são mais eficientes, existe ainda um contacto muito maior entre as pessoas. Os indivíduos da cidade vão por sua vez informar os seus familiares e amigos do campo.

Também os especuladores da emigração (os passadores) desempenharam um papel preponderante, mesmo exagerado, neste capítulo. Estes vivendo parasitários da emigração, interessava-lhes fazer a melhor propaganda do estrangeiro, para poderem angariar mais e mais emigrantes que quisessem sair "a salto".

CONTINUA

ALEMANHA

O problema da habitação

Um dos problemas que mais atormenta os trabalhadores portugueses emigrados na Alemanha, é o problema da habitação.

Há bem pouco tempo o boletim informativo do Centro Português Dusseldorf/Neuss "O Despertar" insere um artigo sob o título "O problema da habitação... ou a dificuldade de ser gastarbeiter", onde este tema é focado. Vejamos o que diz "O Despertar":

"Encontrar um lugar num albergue, é difícil, um quarto ainda mais e uma casa, especialmente se houver filhos, é quase tão pouco provável como a "sorte grande".

No entanto, há casas e quartos para alugar?!!!

Quem comprar uma edição de sábado do "Rheinische Post", "Dusseldorfer Nachrichten", ou de qualquer outro jornal, verificará que os anúncios de casas e quartos para alugar contam por muitas dezenas.

Pois é... aqui é que principia a parte mais interessante da história.

Telefone, vá à agência ou à casa do senhorio e ouvirá quase invariavelmente as mesmas respostas:

-Schon vermietet (Já está alugado)

-Haben wir nicht (Não temos) e desligam.

Outros, quiçás mais sinceros dizem aquilo que pensam:

-An Auslander vermieten wir nicht.

(A estrangeiros não alugamos).

Problema demasiado grande, mesmo para os alemães, no entanto, o facto de ser simplesmente estrangeiro, nós que o somos, sentimos e pagamos esse problema ou esse sacrifício demasiado caro!

Assim, nós trabalhadores estrangeiros vemo-nos na necessidade de viver aos quatro e cinco no mesmo quarto, ou nos abarracamentos construídos pelas empresas onde trabalhamos, pagando preços exorbitantes!

E, a exploração reflete-se

ainda mais se somos chefes de família.

Se não conseguimos encontrar casa a separação prolonga-se ao longo dos anos com consequências por vezes dramáticas."

Na Alemanha, como em Portugal, é a burguesia quem controla tudo. É ela que tem as fábricas, as máquinas, os polícias, os tribunais e as... casas! As condições em que somos obrigados a viver, se dormimos ou não na rua se temos filhos ou não, não lhes interessa. O que lhes interessa é que estejamos todos os dias a trabalhar, isso é o fundamental para eles.

A questão da habitação não pode ser vista em separado do resto do funcionamento da sociedade em que estamos integrados. Pelo contrário, ela está intimamente ligada à organização geral da sociedade em que vivemos e que a classe dominante - a burguesia - controla e tem nas mãos.

Francisco Lopes

A MULHER NA SOCIEDADE ACTUAL

(continuação da pag.1)

mos afirmativamente às propostas dos chefes, não temos possibilidade nenhuma de sermos aumentadas; raras vezes ocupamos postos de responsabilidade e quando há compressão de pessoal, somos as primeiras a ir para o olho da rua.

Esta é uma realidade que todos nós podemos constatar nas fábricas onde trabalhamos.

Deixemos a palavra a uma operária de uma fábrica na região de Saint-Denis:

"Eu há 12 anos que trabalho aqui. Há 12 anos que faço os mesmos gestos ao ponto de ter as mãos todas deformadas. A única coisa que muda é que temos de ir cada vez mais depressa, sem que por isso sejamos aumentadas. Mas eu não sou a única neste caso. Trabalham aqui 150 mulheres, algumas com 20 e 30 anos de casa, sem a menor qualificação. Quer dizer que ao fim dum certo tempo adquirimos alguma experiência e mesmo um certo conhecimento da máquina onde trabalhamos mas assim que mudamos de lugar, a nossa experiência não serve para nada. Por isso, para ir para outro lado recomeçar a partir de zero, é melhor deixar-me estar.

Há tempos, o patrão pagava a alguns operários um estágio de formação profissional que lhes permitia adquirir uma certa qualificação e terem um ordenado melhor, mas esses estágios eram sempre reservados aos homens; diziam eles que com as mulheres nunca se sabia, de um momento para o outro podíamos deixar de trabalhar. Claro que ao fim do 2º ou 3º filho é difícil a uma mulher de continuar a trabalhar, e mesmo quando continua tem que faltar quando estes estão doentes; há o período da gravidez e tudo isso. Mas a verdade é que os patrões se aproveitam desta situação para melhor nos explorarem: se por acaso ousamos dizer alguma coisa, lembram-nos sempre a nossa situação de mulheres. Imagina, é como se fizessem um favor de nos ter aqui!"

O direito ao trabalho

Exemplos como este estão longe de serem uma excepção, mas constituem ao contrário a regra geral da situação da mulher trabalhadora nas sociedades capitalistas: a mulher ocupa no mundo do trabalho uma posição que é subalterna; é-lhe reconhecido o direito ao trabalho, mas na realidade este é sempre considerado como provisório, como temporário "para a ajuda dos fins do mês", e nunca como o direito a ter uma profissão, ao mesmo nível do que o homem. Daí, toda a discriminação que nos é feita ao nível do ordenado, das possibilidades de formação, etc...

E isto porquê? Porque nos querem fazer crer que o nosso lugar é em casa, que a nossa única função é sermos boas mães, boas esposas e boas donas de casa, e se por acaso o nosso homem não ganha o suficiente (o que acontece com a maior parte do povo) então paciência, temos que trabalhar, mas é só até endireitar a situação, depois já nos podemos dedicar inteiramente ao nosso lar.

Isto é o que nos querem fazer crer aqueles que enriquecem à nossa custa, aqueles a quem interessa que a miséria e a ignorância se mantenham, pois enquanto toda uma parte do povo que, como mulheres permanecemos fechadas em casa, é toda uma parte desse mesmo povo que não se revolta e que muitas vezes faz até o papel de travão nas lutas populares: "Não façam greve, depois não temos que comer, pensa nos filhos, etc...", é uma frase que muitas vezes nós dizemos ao nosso marido.

E de facto, em casa entre os filhos e o fogão, completamente isoladas do mundo que nos rodeia, nós acabamos por não pensar em nada, a não ser na família e nos nossos problemas e perdemos de vista que estes são comuns a todos os trabalhadores. Muitas vezes acusamos os nossos maridos e esquecemos que os verdadeiros responsáveis são os patrões que nos exploram; ao passo que quando trabalhamos, o facto de ver à nossa frente aqueles que nos exploram (patrões, directores, chefes) de sentir as outras mulheres e homens vítimas da mesma exploração, de sentir a nossa

força, por exemplo, quando fazemos greve, tudo isto nos abre os olhos, nos faz compreender o mundo e talvez a maneira de nos libertarmos.

É o que os patrões mais receiam: que abrindo os olhos nós nos revoltamos não só contra a sociedade em que vivemos mas também contra a situação que nos é imposta, a nós mulheres. Por isso, mesmo naquelas que trabalham, eles esforçam-se por manter viva a ideia de que o lugar da mulher é em casa, e que é a ela que incumbe todo o trabalho caseiro, exactamente como se não trabalhasse fora.



Ao lado de todos os explorados

E nós muitas vezes "engulimos a isca"! Ahamos natural sair da fábrica a correr, sem sequer trocar uma palavra com as companheiras,

pois todo o trabalho nos espera em casa: fazer as camas, varrer, preparar a ceia, tratar dos filhos, etc..., isto enquanto os homens vão conversar para o café. Ahamos natural que os Sábados e Domingos, em vez de serem dias de descanso, sejam dias de trabalho quase tão pesados como os outros, pois há a roupa da semana a lavar e a passar a ferro, a casa por arrumar e o mercado por fazer.

Portanto, podemos concluir, dizendo que nós, as mulheres, devemos lutar em primeiro lugar contra os verdadeiros responsáveis da nossa actual situação: os patrões que nos exploram os governos que os apoiam: e devemos fazê-lo ao lado de todos os explorados, mulheres e homens.

Mas devemos também combater todas as ideias erradas que nos incutem a nós e nos homens sobre as nossas capacidades. Por exemplo, isso de dizer, como se ouve frequentemente: "Eu de política não percebo nada, isso é com o meu marido", ou "eu não me ocupo dessas coisas, tenho mais que fazer", isso no fundo é aceitar a ideia de que, nós as mulheres, somos uns seres inferiores, incapazes de compreender todos esses problemas. Devemos ver que tudo o que nos rodeia, nos diz tanto respeito como aos homens e não deixar que estes últimos nos releguem a um plano inferior, conforme a imagem que a sociedade nos quer impôr.

É preciso que todas as mulheres e todos os homens do povo compreendam que a luta contra a exploração capitalista e a conquista da PAZ e da LIBERDADE, serão a obra de todo o povo unido, homens e mulheres e que nessa luta as mulheres terão um papel decisivo.

É por isso fundamental que desde já nós, as mulheres portuguesas imigradas nos unamos, na base da discussão e da troca de experiências.

Maria Manuela

CORREIO DO LEITOR

Um jornal sem fim

Existem leitores que dizem que a maioria do jornal são mentiras. Eu já disse a muitos desses cegos, porque não se lhes pode chamar outra coisa, que nem tudo o que se passa ainda vem no jornal. Para poderem escrever um jornal sem fim, tinham de estar a par de tudo o que se passa em todas as quintas e aldeias do Norte, onde tanta gente anda descalça no Verão para poder ter os soquinhos no Inverno. Pedia para me dizerem onde poderei encontrar o vosso jornal, pois este que acabo de ler chegou-me às mãos através doutro colega.

Todos os outros, como o "Emigrante", o "Portugal Popular", esses não me interessam, esses não são a favor do emigrante, como eles dizem. Isso é uma mentira. Eles defendem sim é o capitalismo.

Abaixo Caetano e as suas disciplinas!

Abaixo a guerra colonial!
Abaixo essa desgraçada polícia da Pide!

Um Mineiro

PRISIONEIRO POLITICOS

Com o pedido de publicação recebemos o seguinte artigo:

"Tive conhecimento que o dito Presidente do Conselho declarou que não há presos políticos em Portugal!

Como é que se chamam, então, aqueles que sofrem durante longos anos em Peniche e Caxias, que sofrem para que haja Liberdade, Pão e Paz?

E a miséria em que o Marcelo Caetano e a sua camarilha querem manter os trabalhadores, vai durar muito tempo ainda? Não! Ela acabará quando destruímos o regime fascista!"

Um Leitor Ramiro

A CRISE DO DÓLAR

(continuação da pag.2)

manter muito próximo do valor oficialmente fixado. A partir de então o valor do dollar tem sido instável. Em 1960 sobe o preço do ouro pela primeira vez, acima de \$40 dólares por onça, o que significa, de facto, uma desvalorização de cerca de 14%. A América encontrava-se então, com grande deficit na balança de pagamentos. Os especuladores, prevendo a desvalorização do dollar, lançaram-se na compra do ouro pois o dollar não lhes oferecia garantias. Mas o dollar não foi desvalorizado. A América tinha influência suficiente nos governos dos países europeus para contar com a sua ajuda. Os Estados Unidos da América, a Bélgica, a França, Alemanha Ocidental, Itália, Holanda, Suíça e Inglaterra formaram o chamado grupo de protecção ao preço do ouro. Prometiam comprar todo o ouro que aparecesse no mercado livre a preço superior aos \$35.

Estes países formavam assim, através dos seus bancos centrais, uma corrente à dos especuladores e conseguiram, desta maneira, manter o dollar no valor (artificial) de \$35 por onça de ouro.

Mas a Guerra do Vietname, a política dos E.U. no Médio Oriente, o desenvolvimento dos movimentos de guerrilheiros na América Latina por um lado, e por outro a preocupação do capitalismo europeu de, através do mercado comum formarem um bloco próprio, livre da influência americana, não deixou que a ajuda europeia tivesse efeitos a longo prazo.

E a situação da economia americana tem sido tão desastrosa que em 10 de Março de 1969 nem a ajuda europeia evitou que o preço do ouro subisse a \$44 dólares por onça, o que representava uma desvalorização do dollar de quase 26%. Isto não significa que, efectivamente, o dollar tivesse que desvalorizar 26% mas o que é certo é que estava muito abaixo do seu valor oficial. Mais uma vez o capitalismo

mundial e sobretudo o capitalismo europeu, juntamente como facto de a África do Sul, devido à situação da sua balança de pagamentos se ver obrigada a vender ouro, contribuiu para que o dollar se conseguisse manter sem se desvalorizar.

Mas não é apenas o dollar que mantém um valor real muito inferior ao valor oficial. Podemos afirmar que isto acontece actualmente com todas as moedas europeias. O que acontece é que o dollar está numa posição muito pior do que as moedas europeias.

Um dos problemas delicados é o da agricultura. Os E.U. produzem a preços muito mais baixos do que os países europeus. Dentro dos países do mercado comum, as dificuldades de traçar uma política de acordo com os interesses gerais do capitalismo sem que levante problemas aos agricultores, já se manifestou há pouco tempo na Bélgica.

Se os países europeus revalorizam as suas moedas com o fim de conseguir manter o dollar no seu valor artificial de \$35 por onça de ouro, acontece que os produtos que a Europa exporta se vão tornar mais caros e consequentemente vão ter mais dificuldade em concorrer nos mercados estrangeiros (por exemplo na América).

Os produtos importados tornam-se, devido ao maior valor destas moedas, mais baratos e por isso a importação aumentará.

Isso virá trazer graves problemas para a situação das balanças de pagamento destes países que na maioria dos casos já não é nada satisfatória. Além disso advém ainda consequências desfavoráveis para a produção nestes países. A América em contrapartida iria beneficiar com isso.

Se o dollar desvalorizar, as consequências económicas serão para os países europeus idênticas, mas para a América já os resultados não são tão satisfatórios. A desvalorização da moeda

provoca uma reacção psicológica de desconfiança nessa moeda. Será por isso difícil para o dollar manter a sua posição de meio de pagamento internacional.

A medida mais favorável para a Europa se não tivesse grandes compromissos com os E.U. seria não tocar nas suas moedas e deixar de aceitar o dollar como meio de pagamento internacional. Esta medida seria a mais desastrosa para os E.U.

No momento em que escrevemos este artigo são apenas conhecidas as resoluções tomadas a 8 de Maio. A Suíça e a Áustria revalorizaram as suas moedas, a Alemanha, a Holanda e a Bélgica estabeleceram o sistema, provisório, de curso livre. Estas decisões são perigosas para a economia destes países pelo que é de prever que ainda durante o Verão sejam revistas.

Um problema difícil para os E.U. é o facto de a Alemanha ter vindo nos últimos anos a libertar-se do capitalismo americano. É mesmo pouco provável que a política de Willy Brandt vá ser muito favorável à continuação do parasitismo do dollar.

É de prever que o dollar tenha que se apoiar só na economia americana e obtenha cada vez menos protecção dos bancos europeus.

Sejam quais foram as medidas tomadas nada poderá evitar que a um prazo não muito longo venha uma crise monetária económica na Europa e sobretudo nos E.U.

O que existe actualmente é o embrião já bastante desenvolvido.

Os trabalhadores devem tomar consciência disso e contribuir para que esta situação se acelere. Eles só têm a ganhar com isso. Não vos deixeis influenciar pela propaganda dos patrões que vos exploram e que dizem que se os salários aumentam, os preços aumentarão ainda mais.

Isso só vai acelerar a nossa emancipação!

Pedro Faria

guerra colonial

A FOME EM CABO-VERDE

Quando as caravelas portuguesas se fizeram ao mar, para lançar mãos à "obra civilizadora", ou por outra, a uma das maiores rapinas da história do mundo - a conquista do império colonial -, as primeiras terras a que deixaram mão foram as ilhas do Cabo-Verde.

Desde os assassinatos em massa das populações das colónias, às campanhas de "pacificação", isto é, matando as populações para se apoderar do que pertencia a esses povos, até à monstruosa guerra colonial que neste momento fazem os colonialistas portugueses têm praticado há já 400 anos as maiores brutalidades do mundo conhece.

No arquipélago de Cabo-Verde, que devido à sua situação geográfica se encontra numa situação desfavorável em relação aos outros países sob domínio português, as grandes secas têm dado origem a anos de fome, provocando milhares de mortos.

Assim, desde 1747 houve 58 anos de fome que provocaram 250 mil mortos. Desde 1900 houve 21 anos de fome que provocaram mais de 135 mil mortos.

O quadro a seguir dá uma ideia da população desaparecida nos anos de grandes fomes.

Anos de grandes fomes	População desaparecida
1773 - 76	50%
1830 - 33	35%
1863 - 66	40%
1900 - 03	25%
1920 - 22	20%
1940 - 43	15%
1946 - 48	35%

A propaganda colonialista da burguesia e do imperialismo internacional, tenta fazer crer que isto são "desgraças naturais e que nada há a fazer contra tal castigo". Ora isto não é mais que uma mentira, pois estes que vivem do trabalho escravo dos povos das colónias e neste caso, do povo de Cabo Verde, nunca se preocuparam em como atenuar ou acabar com o problema das secas e servem-se dessa calamidade para assim poderem exportar "mão-de-obra barata" para as roças dos colonos brancos e das grandes companhias coloni-

média, 150 escudos.

Neste momento avizinha-se mais um período de fome para o povo de Cabo-Verde. Após 3 anos de secas intensivas, a população encontra-se sujeita mais uma vez ao flagelo da fome.

Amílcar Cabral, secretário-geral do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo-Verde, diz a este respeito:

"As autoridades portuguesas reconheceram oficialmente o facto da "crise" actual, mas fazem todo o possível para que a existência da fome não seja levada ao conhecimento da opinião mundial. A recente visita do chefe do governo português, sr. Marcelo Caetano às ilhas de Cabo-Verde, visava principalmente acalmar as populações flageladas, às quais prometeu "ajuda" destinada a reduzir os efeitos da



A fome é um produto da exploração colonial.

crise e a "evitar que a fome faça muitas vítimas".

Uma tal iniciativa constitui uma inovação, pois que é a primeira vez que um chefe do governo português visita as ilhas "por causa da fome". O carácter singular da visita revela, entretanto, a amplitude da ameaça que pesa sobre o povo caboverdeano, e põe a nu a utilização da fome pelos colonialistas portugueses com o objectivo evidente de criar obstáculos ao movimento de libertação que, sob a direcção do nosso Partido, regista progressos consideráveis



Nas zonas libertadas da Guiné, o povo liberta-se da miséria, da ignorância e da fome.

ais de Angola e S. Tomé e agora também para Portugal?

Nas minas da Panasqueira, por exemplo, os trabalhadores caboverdeanos vão trabalhar com contractos que lhes "garantem" alojamentos, assistência médica e religiosa, escola de ensino primário e cantinas". No fundo como o dinheiro dos salários não é suficiente para pagar o "alojamento", as "cantinas", etc. etc. os trabalhadores caboverdeanos são obrigados a renovar os seus contractos ficando presos ao patrão que os suga até à última.

De Lisboa, há a notícia de que os operários caboverdeanos fizeram uma manifestação protestando contra a discriminação de salários de que são vítimas. Um carpinteiro caboverdeano ganha 100 escudos por dia, enquanto um carpinteiro português ganha, em

no arquipélago."

Sem dúvida, as atitudes "de ajuda" do governo português não enganarão os patriotas de Cabo-Verde. O povo de Cabo-Verde sabe bem que as tais "desgraças naturais" acabarão quando o povo se libertar das amarras do colonialismo e do imperialismo.

No fim do seu apelo, a propósito da fome que assola Cabo-Verde, o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo-Verde (PAIGC) "reafirma a determinação inquebrantável de prosseguir e desenvolver a luta de libertação nas ilhas de Cabo-Verde a fim de liquidar a dominação colonial e, em colaboração com os outros povos inclusivamente com o povo de Portugal, libertar o homem caboverdeano da miséria, da ignorância e da fome". José Sobreira

CORREIO

O EXÉRCITO É O ESPELHO DA NAÇÃO

Uma vez, na caserna, voltámos ao contrário e arrancámos todos os letreiros que estavam pelas paredes. Mas deixámos um: "O EXÉRCITO É O ESPELHO DA NAÇÃO" - era o único que falava verdade.

Ora, eu estive durante um ano na tropa. Lá, vi coisas, aprendi coisas, e o que foi mais importante, tudo o que nós (eu e os camaradas de pelotão, de companhia) víamos e o que nos acontecia durante o dia, era à noite falado na caserna, e sempre que podíamos (na parada, nos intervalos, no refeitório), trocávamos ideias. Foi assim que fomos pouco a pouco compreendendo aquilo tudo, indo cada vez mais ao fundo daquela máquina infernal.

Exército igual a sociedade

A primeira conclusão importante a que chegámos, foi que, afinal, o sargento era o mesmo que o inspector da empresa, o chefe lá da oficina, o regente agrícola no campo ou o chefe de secção no escritório. O seu trabalho era o mesmo, ou por outra devia ser, porque os chicos na tropa não trabalham muito ("chicos" chamamos nós aos que seguem a tropa). E os oficiais até major eram o mesmo que os engenheiros da fábrica, os engenheiros agrónomos que de vez em quando apareciam lá pela propriedade do patrão; o economista ou o chefe de repartição no escritório, enfim, o médico ou o padre da Terra.

Dai a percebermos, com mais coisas que se passaram, que "o exército é o espelho da nação", foi fácil. E até porque, se na fábrica eras operário, ganhavas mal, comias mal, passavas mal, vais para a tropa ganhar 10 escudos (no máximo) por mês, comer pior do que comias, dormir em casernas grandes e frias de telha vã, cheirando a mofo, muitas

vezes a urina, em enxergas deitando palha por todos os lados. Pois, amigo, mesmo assim, és tu que comendo mal, preparas o comer bom dos oficiais e sargentos; és tu que dormindo mal arranjias os quartos confortáveis dos oficiais e sargentos, e lhes fazes as camas de colchões de espuma e lençóis sempre lavados. És tu que lhes varres os gabinetes, as salas de convívio, as messes; és tu que lhes arranjias os carros e os conduzes, és tu que lhes atendes o telefone, que lhes das injeções e os tratas, lhes arranjias os jardins e, se não desertas, vais arriscar a pele e sofrer mil perigos para defender o que é dos graúdos e dos taxistas.

Porque é que o Branco foi para África?

O que especialmente nos fez compreender que não devíamos ir para a guerra, foram as aulas de "acção psicológica". Lá, querem-nos convencer à força que o governo tem toda a razão em fazer a guerra e que nós devemos ir. E como é que eles nos querem convencer disso? Dizendo que o branco foi para África fazer o bem dos pretos; chegou lá e ensinou-lhes o catecismo e fez igrejas, ensinou-os a ler e fez escolas e que lhes levou a civilização com o comércio, a indústria e a cultura de produtos agrícolas de África.

Claro que o que aconteceu foi tudo ao contrário. Todos sabemos que se o homem branco foi para África, foi porque queria ir à Índia, onde sabia que havia pimenta, canela e artigos que negociados na Europa lhes daria muito ouro. A caminho da Índia passou pela África, onde viu que também havia com que fazer negócio (diamantes, madeiras preciosas e até escravos negros). Depois de cada aula de acção-psicológica, o aspirante fazia perguntas e nós respondíamos, mas sempre ao contrário do que ele queria. Voltava-se então para os Cabos Milicianos e dizia: "São estúpidos. Não perceberam nada". Pois não! Afinal quem não percebia nada era ele.

Mas o que ele queria, sabíamos nós e isso dizia-o ele. Era que nós fossemos matar o povo de Angola, Guiné e Moçambique que se tinham revoltado contra o governo português. E que queriam eles? Se tinham chegado lá os brancos em navios e tinham roubado os povos de África, tinham-nos obrigado a trabalhar como escravos para eles e como escravos tinham vendido aos grandes senhores do Brasil, da América; tinham-lhes feito todo o mal possível desde que os encontraram, e já lá vão mais de 400 anos!

Ir ou não ir

A quem aproveita a guerra? Eu nas colónias não tenho nada. Quem tem são os da pasta, que só cá andam para explorar os outros, seja o operário português ou seja o negro trabalhador de Angola, Guiné e Moçambique.

Foi por compreendermos tudo isto que desertámos.

Por fim, e não queria deixar de dizer isto, dirijo-me também a ti, amigo que fizeste a guerra e emigraste depois. Poderia parecer que, com o que eu disse antes, achava que tu fizeste um erro imperdoável. Bom, acho de facto que fizeste mal em ir. Mas se foste é porque, com certeza, ainda não tinhas visto que o governo não tinha razão nenhuma. Pensarias até, que o povo português tinha interesse em combater os povos das colónias. E foste. E então, quando voltaste, se tinhas ido no teu interesse, estava a tua situação melhor? Não. Na mesma, talvez até pior. E emigraste. Sabes agora que quem aproveitou afinal com os teus 2 anos que passaste na guerra foi o governo e os ricos que para lá te mandaram.

Amigos, já a carta de hoje vai longa. Até ao próximo Salto

António Sampaio

A U.N.I.T.A. oferece milho à Zâmbia

O jornal da Zâmbia, "Times of Zambia", relata no seu número de 4 de Maio de 1971 que "um movimento de libertação angolano ofereceu à Zâmbia 2.000 kg. de milho."

Lusaka é a capital da Zâmbia, país africano independente, que faz fronteira com Angola e a Rodésia.

O Comandante da UNITA, Samuel Chiwale declarou, ao mesmo jornal, que a decisão de ajuda à Zâmbia foi provocada pelo bloqueio feito pelo governo colonialista português ao milho, que vinha para a Zâmbia através da Rodésia a partir do porto da Beira, em Moçambique. Samuel Chiwale acrescentou que a agressão económica portuguesa devia ser combatida com acções e não com palavreado.

O milho oferecido à Zâmbia pela UNITA vem das zonas libertadas de Angola e foi recolhido nas plantações das forças Armadas de Libertação de Angola (FALA). Foi, em seguida, transportado até Lusaka às costas de Patriotas e entregue ao representante do governo da Zâmbia, N. Nyendwa.

Esta notícia mostra bem o extraordinário trabalho feito pela UNITA na construção de sólidas Zonas Libertadas que até lhe permitem vir em auxílio da Zâmbia.

Como nos dizia o militante da UNITA, entrevistado no último número de "O Salto":

"Pela sua experiência de luta armada no seio das massas, a UNITA conhece grandes sucessos. Nos distritos de Moxico, Cuan-do-Cubango, Bié, Luso e Huila, o poder está nas mãos dos trabalhadores".

DESPORTO

PINGPONGUISTAS AMERICANOS NA CHINA

O Ping-Pong é um desporto. Toda a gente está de acordo com isto. Mas nem toda a gente está de acordo sobre o que é o desporto.

O que aconteceu foi que, o que devia ser um elo de amizade entre os povos e entre as pessoas, foi transformado num instrumento de competição e de inimizade. O capitalismo e o seu desporto tentam voltar as pessoas e os povos uns contra os outros, isto é, torná-los rivais e inimigos.

O povo chinês é amigo do povo americano e inimigo do governo imperialista americano, porque este tem acumulado crimes sem conta contra o povo da China e contra os povos do mundo. Os desportistas americanos fazem parte do povo americano e os desportistas chineses fazem parte do povo chinês. Portanto é absolutamente normal que os desportistas americanos se divirtam, jogando com os desportistas chineses.

Vejam os que diz o primeiro ministro chinês, Chou En-Lai quando falava com os desportistas americanos, em visita amigável na China: "As trocas de visitas entre os povos chinês e americano tinham sido frequentes, mas foram interrompidas depois, durante muito tempo. A vossa presente visita, sob convite, abre a porta às trocas de visitas amigáveis entre os povos dos dois países. Nós estamos convencidos - diz Chou En-Lai - que as trocas de visitas amigáveis entre os povos chinês e americano obterão a aprovação e o apoio dos dois povos na sua maioria."

Carlos Costa

Coro «1º de Maio»

A QUEM GOSTE DE CANTAR OU TOCAR

CANTO DE ESPERANÇA

REFRÃO

Canta mais alto, avança e canta, lança-te à marcha, não te afastes. Mistura a tua voz à voz que se levanta das chaminés e dos guindastes.

Dentro de mim e de ti algo de novo estremece, a vida abre-se e ri na hora que se entretece.

Molda em teus dedos leais um destino à tua imagem. Ao ódio dos vendavais ergue uma viva barragem.

O tempo é vindo, irmãos, de carrascos e exploradores serem esmagados pelas mãos fortes dos trabalhadores.

Da lama do tempo imundo arranca a felecidade. Homens explorados do mundo! Homens de firme vontade!

REFRÃO

Rasgam-se os céus e a terra, a esperança cai e refaz-se. É o grito duma outra guerra: canto do homem que nasce.

REFRÃO

Versos adaptados de Mário Dionísio

Música de Fernando Lopes Graça

Tomam forma consistente as ilusões de outrora, Caminha, caminha em frente que vem a romper a aurora.

REFRÃO

AVISO

A primeira reunião do "Coro 1º de Maio" terá lugar no dia 1 de Outubro pelas 20,30h., no 25 Rue Christoph Colomb, sede do Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris.

No Clube haverá, também, permanências do Coro todas as 6ª feiras à mesma hora.



As associações de trabalhadores e o desporto

Há quem diga: "Nada de desporto nos clubes de trabalhadores!"

Os que o dizem, ou não sabem, ou não querem saber que o desporto é uma das melhores formas de convívio e de distração para a juventude trabalhadora. E que além disso, é indispensável à sua formação física.

No entanto não devemos confundir desporto como que se pratica em Portugal; lá, nós somos apenas desportistas de bancada. A prática desportiva é outra coisa, a que os trabalhadores não

têm acesso em Portugal.

Nós lutaremos também, na medida do possível, para desenvolver o espírito desportivo entre os nossos associados, combatendo o profissionalismo, o vedetismo e o clubismo. Nesse sentido, pensamos criar uma equipa de futebol em Ivry, com o nome de equipa "1º de Maio" (Do programa da actual Direcção do Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris).

Nós saudamos pois, a formação da equipa "1º de Maio" e deixa-

mos aqui expresso o apelo do director da secção desportiva do Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris:

"A nossa secção desportiva não está reservada a meia dúzia de vedetas. Portanto nós apelamos para todos os trabalhadores portugueses, que gostem de jogar futebol, para comparecerem no nosso clube, às 5ª feiras à noite, a partir das 20h. 30m., ou Domingos à tarde, por volta das 2h.

Quanto mais jogadores, melhor. Nós formaremos 1, 2, 3 equipas. O que é preciso é que todos pratiquem desporto."



A equipa "1º de Maio" combate o profissionalismo, o vedetismo e o clubismo

Assina «O SALTO»

A assinatura de 12 números custa 10F.

Tu podes paga-los enviando-os para a CCE 56 2685 Paris Escrevendo para O Salto B.P. 95 PARIS XI pedindo que enviemos um mandato já preenchido para o pagamento.

Se quiseres pagar directamente tens os nossos locais à tua disposição, nas horas de permanência.

FESTAS AO AR LIVRE



Na foto da direita, vemos um aspecto de uma festa em que o nosso jornal participou no Bycetre. Na da esquerda, um painel, mostrando aspectos da actividade do Salto, exposto no Grande Arraial português. Este Arraial, realizado nos dias 13 e 14 de Julho, teve uma afluência de cerca de 2.000 pessoas. Pensamos logo que o tempo o permita, realizar novas festas ao ar livre.

Fotos Rui Mira

CONHECE os clubes de trabalhadores

Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris

Em Ivry
25, Rue Cristophe Colomb
Metro Pierre Curie e Mairie d'Ivry

Teatro : 3º e 5º feiras.
Musica : 3º, 5º e Sabados.
Lições de Francês : 3º, 6º e Sabados.

A partir das 20h 30m

Festas e convívio todos os Domingos a partir das 15h.

Centro Português de Iniciação Cultural

65, Rue Corvisart, Paris 13
Metro Corvisart ou Place d'Italie

Escola de Francês : 2º, 4º e 6º feiras a partir das 20h 30m

Convívio todos os Domingos, a partir das 15h.

CHATENAY MALABRY

Clube dos Trabalhadores Portugueses de Chatenay-Malabry
(em formação)

Centro de alfabetização em frente do Foyer da Citroën
35, Rue Jean Longuet

Cursos de Francês às 2º, 3º e 5º feiras às 19h 30m.

BURGES

Clube Português do Cher
5, Rue de la Thaumassière

NANTES

Associação dos Trabalhadores Portugueses de Nantes
9, rue des Hautes Pavés

HOLANDA

Associação Resistência e Trabalho

Brink 1 A - Amsterdam

Cursos de Holandês às 3º e 5º feiras às 20h.

Secção social às 3º, 6º e Sábados às 20h.

★★★